CORPOS NEGROS E FEMININOS

Carlos Antonio Dos Santos¹

Cristiane Maria Ribeiro²

Ricardo Diógenes Dias Silveira³

Resumo

O presente ensaio objetiva dar visibilidade às mulheres negras congadeiras que inspiram e favorecem a formação identitária de jovens negras em busca de formação acadêmica e profissional. Para tanto, primeiramente, apresentaremos o feminismo negro que direta ou indiretamente tem afetado e construído os saberes dessas mulheres congadeiras nas lutas do movimento negro. Posteriormente, relatar-se-á a existência, contribuição e resistência desses corpos negros e femininos na congada de Ituiutaba – MG a partir dos olhares das matriarcas e mulheres que sustentam a continuidade dos ternos e da festa da Irmandade de São Benedito.

Palavras-chave: Mulheres congadeiras. Feminismo negro. Visibilidade.

Abstract

This article aims to give visibility to black women from Congo who inspire and favor the identity formation of young black women in search of academic and professional training. To do so, first, we will present the black feminism who has directly or indirectly affected and built the knowledge of these women from Congo in the struggles of the black movement. Subsequently, the existence, contribution and resistance of these black and female bodies in the congada of Ituiutaba – MG will be reported from the perspectives of matriarchs and women who sustain the continuity of the suits and feast of the Brotherhood of São Benedito.

Keywords: Congadeira women. Black feminism. Visibility.

¹ Mestrando em Ensino para Educação Básica, ENEB – Instituto Federal Goiano, campus Urutaí –GO. Especialização em Políticas Públicas e Gestão Cultural pela Faculdade Católica de Uberlândia, Graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. carlos.santos@educacao.mg.gov.br

² Doutorado e Mestrado em Educação. Especialização em Educação para a Ciência. Graduação em Pedagogia. Cristiane.maria@ifgoiano.edu.br

³ Doutorado e Mestrado em Biologia (Biologia Celular e Molecular) pela Universidade Federal de Goiás. Licenciado e Bacharel em Biologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2006). ricardo.silveira@ifgoiano.edu.br

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, por volta de século V a.C. época de Heródoto, que os registros históricos das crônicas e épicos versam suas narrativas pelo prisma do homem, e negam às mulheres o protagonismo de suas ações, consciências e historicidades. Podemos constatar esse fato na tradição filosófica grega, na bíblia cristã, nas bibliografias dos grandes cientistas (Ibn al-Haytham, Galileu, Newton, Pitágoras e Anaximandro), em que, por vezes, não constam as atuações e pensamentos das mulheres no tempo e no espaço. Relegadas ao patamar de companheiras, parideiras, submissas, frágeis e, praticamente, não possuidoras de inteligibilidade. Porém, o protagonismo feminino na realização da festa da congada de Ituiutaba - MG tem contribuído para a construção identitária de jovens negras em busca de formação acadêmica e profissional.

Essa temática deveria intrigar qualquer ser humano consciente de que a formação de seu caráter, seus primeiros passos e impressões sobre o mundo se dá na mais tenra infância, a qual é conduzida por uma mulher. São elas os exemplos a guiar suas ideias, fazeres e saberes, como afirma SANTANA (2012). Ora, para a mulher negra, esse zelo se desdobra em preparar os seus ao enfrentamento da discriminação, preconceito e racismo que a sociedade desvela sobre os que são de pele escura.

O presente artigo objetiva dar visibilidade às mulheres negras congadeiras que inspiram e favorecem a formação identitária de jovens negras em busca de formação acadêmica e profissional. Para tanto, primeiramente, apresentaremos o feminismo negro que direta ou indiretamente tem afetado e construído os saberes dessas mulheres congadeiras nas lutas do movimento negro. Posteriormente, relatar-se-á a existência, contribuição e resistência desses corpos negros e femininos na congada de Ituiutaba – MG a partir dos olhares das matriarcas e mulheres que sustentam a continuidade dos ternos e da festa da Irmandade de São Benedito.

CORPOS NEGROS E FEMININOS: breve histórico

Numa breve análise histórica não se conseguirá identificar na cultura ocidental antiga o reconhecimento e a visibilidade da presença de corpos femininos dotados de inteligibilidade e contribuição para a humanidade. Salvaguardados os exemplos negativos de atitudes que os

humanos deveriam evitar: Medusa, Helena de Tróia, mulheres que se destacaram pela beleza e capacidade de levar deuses e homens a perderem a racionalidade e agirem pelos vícios, paixões e desejos. Mesmos os filósofos gregos subalternizaram e relegaram as mulheres ao lugar do sexo frágil: Platão anuncia em A República V Livro: “Tens conhecimento de alguma atividade humana em que os homens não sobrepujem as mulheres?” (PLATÃO, 1997, p. 154); Aristóteles na descrição das espécies, História Animallum, afirmava: “A fêmea é fêmea em virtude de certa falta de qualidade” dizendo da falta de capacidade feminina como algo natural e complementa “Tem menos pudor e menos ambição. É menos digna de confiança, mais encabulada” (ARISTÓTELES in ALAMBERT, 1985, p. 02).

A Bíblia, livro tido como sagrado em diferentes culturas, por vezes, teve suas interpretações num viés fundamentalista que apregoava a culpabilidade do pecado original à figura feminina da Eva. Seria esse corpo feminino, o lugar da tentação de Adão, seu descaminho, o que o fez pecar. As Igrejas cristãs, representantes desse livro, reafirmaram esse lugar de inferioridade e submissão em vários documentos: “Que as mulheres estejam caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar. Se quiserem ser instruídas sobre algum ponto, interroguem em casa os seus maridos” (SÃO PAULO -apóstolo cristão, ano 67 D.C.); ou ainda, “O pior adorno que uma mulher pode querer usar é ser sábia” (LUTERO - teólogo alemão, reformador protestante, século XVI). E mesmo Tomás de Aquino, “Por natureza a mulher é inferior ao homem em força e dignidade, e por natureza lhe está sujeita, pois no homem o que domina, pela sua própria natureza, é a facilidade de discernir, a inteligência” (AQUINO in ALAMBERT, 1985, p. 03).

Nas bibliografias dos grandes cientistas Ibn al-Haytham, Galileu, Newton, Pitágoras e Anaximandro - nascimento da medicina -, o corpo feminino é representado pela bruxa, que domina os conhecimentos obscuros das plantas medicinais e das forças do universo para praticar a magia e a cura. Em sua grande maioria eram mulheres de aparência desagradável ou com alguma deficiência física, idosas, mentalmente perturbadas, mas havia também mulheres bonitas que haviam ferido o ego de poderosos ou que despertavam desejos em padres celibatários ou homens casados, ou seja, corpos femininos dotados do poder da sedução, do despertar do prazer carnal, da fonte do pecado, assim foi o “Caça às bruxas”. Afirmado pelos escritores alemães de contos e histórias: Irmãos Grümme e pelos julgamentos do Tribunal da Santa Inquisição.

Na contramão de toda essa história temos os corpos negros e femininos que se presentificam no Brasil com o processo de escravização de africanas que, mesmo sendo

oriundas de algumas regiões de matriarcado, são marginalizadas, destituídas de seus reinados, culturas, religiões e lugar social. Mas não sem luta: Dandara, Aqualtune e Luiza Mahin são símbolos desse aguerrido processo de não serem esquecidas, anuladas e caladas nos seus sofrimentos e negação, como nos relata o Dossiê Dia Da Mulher Negra, Latina E Caribenha de 25 de julho de 2018.

Já registrava infame luta pela vida os poemas abolicionistas de Castro Alves:

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

O poema retrata aspectos físicos das mulheres e crianças magras, assustadas e arrastadas, mas que demonstravam suas indignações e mágoas, ainda que vãs e resistindo ora se negando a comer, ora se jogando ao mar. Quantas histórias silenciadas em documentos e registros das tripulações do "Amistad" em 1839 ou do "Kentucky" de 1845 nos chamados Livros dos Mortos pelos capitães. Será o banzo que descreveu, no final do século 18, Luís Antônio de Oliveira Mendes - advogado português nascido na Bahia - um princípio de resistência da própria alma em se sujeitar a tão vil situação de desumanidade? Impossível não dar voz ao Dossiê Dia da Mulher Negra, Latina e Caribenha em que escreveram Cristina e Tristan (2018), o texto: Dandara, Aqualtune e Luiza Mahin: Mulheres negras na luta contra a escravidão no Brasil:

Mas a história de Dandara, Aqualtune e Luiza Mahin transcende a ausência de documentos. Seu registro se encontra na memória do povo negro; ao se contar e recontar suas histórias, permanecem vivas como exemplos de resistência à escravidão, de combate por uma vida digna de ser vivida. Suas histórias percorreram os séculos por meio do imaginário social e da tradição oral, que buscavam complementar os registros históricos de Palmares, da revolta dos Malês e dos diversos levantes negros. Para nós, não é um mero detalhe que a história dessas mulheres negras tenha ecoado por tantos anos como símbolo de subversão, coragem e valentia. E é esse eco que queremos fortalecer com este artigo.

Assim, esse estudo quer ressoar essas histórias e de tantas outras de mulheres que outrora e, ainda hoje, resistem e combatem os resquícios dessa escravização. Corpos negros e femininos que da sua existência faz resistência para toda uma população, e que nos ensinam a sobreviver e desejar a construção de uma sociedade justa, igualitária e fraterna. É a essas mulheres que devemos a origem do feminismo negro brasileiro, elas que lutaram contra um sistema opressor que as transformou em mercadorias, objetificando e violentando seus corpos, mas que usaram a fuga e os quilombos para garantir suas liberdades. E mesmo as que compravam a alforria conquistavam seus lugares sociais em árduas lidas diárias como quitadeiras, lavadeiras, costureiras, taverneiras num contínuo trabalho de afirmar sua autonomia na organização da vida material e social como nos relata Dias (2012).

Não bastasse o fardo da cor, a valoração desses corpos era depreciada entre seus pares pelo fato de serem femininos. Os papéis sociais do ser homem e/ou mulher mesmo entre os negros obtinha pesos valorativos desiguais. As mulheres não tinham espaços de discussão e tomada de decisões frente aos homens negros que se organizaram em associações, clubes, irmandades para reivindicar direitos. Coube às mulheres negras o lugar de coadjuvante, auxiliares nas lutas dos homens negros, uma vez que suas demandas não eram ouvidas, como nos escreverá Damasco (2019). O homem, negro ou branco, reproduz o lugar social da mulher: do lar.

Por fim, em não se reconhecer nesse movimento negro excludente do corpo negro-feminino é que a mulher negra se alia às lutas feministas brancas em busca do direito ao voto, à cidadania e inclusão nos espaços públicos (negados às mulheres desde a Grécia Antiga). Ainda que esse movimento feminista não reconhecesse esse corpo negro, ele foi mais acolhedor das suas demandas que seus próprios pares raciais. Até que se torna impossível a não percepção de que mesmo sendo todas mulheres, as mulheres negras são “menos mulheres” no âmbito político-social. Não se tratava, portanto, só de uma discussão de desigualdade de gênero, mas de raça. Coube a elas reivindicar seu lugar enquanto sujeito sociocultural e político. Uma disputa de narrativa e centralidade das intersecções que compõem esse corpo negro e feminino, tornando-o diferente e diverso de outros não-negros. A mulher negra é triplamente discriminada: por ser mulher, negra e pobre. Eis a bandeira de luta do movimento feminista negro: gênero, raça e classe social.

É nesse turbilhão histórico de luta e resistência que se constrói o protagonismo feminino na congada. É a contribuição das mulheres negras com sua corporeidade, musicalidade, beleza e didática a ensinar homens e crianças a ressignificar hábitos e costumes. Congada são as

manifestações culturais e religiosas organizadas pelas irmandades que reuniam corpos negros em torno da devoção a alguns “santos católicos”, a memória e ressignificação dos reinados africanos (a coroação do rei Congo e da rainha Ginga, de Angola) durante o século XVII. Eram demonstrações de dança, batuques, canto e vestes à Igreja Católica, mas revestida de sincretismo religioso com as entidades e religiões de matrizes africanas. As irmandades e os ternos de congadas eram espaços de encontro, socialização, religiosidade, cultura, lazer, prestação de serviços fúnebres, auxílio doença e resistência de escravizados, alforriados, libertos e seus descendentes.

A existência, permanência e resistência dessas irmandades e congadas se devem à capacidade de seus líderes de ressignificar e transvalorizar hábitos e costumes, adequando-os às exigências do clero e às referências ritualísticas dos cortejos e à coroação de reis portugueses, mas construindo uma identidade cultural e étnica aos seus grupos, como bem afirma Silva (2016, p. 75):

Nos séculos XX e XXI, as irmandades de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário continuam sendo instâncias de articulação importantes, não só religiosa, mas política e social também, semelhante ao que acontecia no período colonial. A força e a permanência desta instituição em contextos tão adversos estão assentes em sua capacidade de remodelar, criar e atender reivindicações de acordo com a situação. No entanto, destaco que há algo novo acontecendo contemporaneamente. As irmandades têm resgatado parte de suas atribuições originais e adquirido outras, porque possuem um capital social (que vem sendo nomeado de cultura ou tradição e que passou a ser levado em consideração na elaboração de políticas públicas e direitos de cidadania). (SILVA, 2016).

Os ternos de congada eram, majoritariamente, masculinos, concentrando os cargos de representatividade e poder nas mãos dos homens: presidente, capitães, guarda e réis. Ambos possuidores de funções sociais, religiosas e políticas à frente do grupo. Como traduziu Rovai (2016, p. 4) ao escrever sobre as congadas mineiras e a manutenção dessas tradições:

O capitão é aquele que, representando o poder da proteção, da virilidade e da honra aos reis, porta uma espada e segue à frente dos ternos, no cortejo, abrindo caminhos. Esta dá o sentido de comando sobre a guarda e de seu combate a qualquer tipo de maldade. A figura quase mítica do capitão carrega uma responsabilidade muito grande diante dos congadeiros: a defesa dos reis e da religiosidade. Normalmente quem ocupa este espaço é uma figura masculina. Além dele, há, também, um presidente, porta-voz secular dos grupos, que atua como mediador entre os ternos e as irmandades, as

associações congadeiras, os representantes do poder público, os financiadores e a Igreja católica (...). (ROVAI, 2016, p. 04).

As mulheres participavam das irmandades e ternos de congada exercendo as funções de porta-bandeiras, bandeirinhas e rainhas. Cabendo-lhes a organização dos alimentos, vestes, danças, orações e novenas. Portanto, havia nas práticas sociais exercidas por homens e mulheres na congada uma reprodução das relações de gênero da sociedade colonial em que ao masculino era delegada a função de provedor e protetor enquanto que o feminino desempenharia o cuidado, o acolhimento, o zelo. Esses valores, distintos das sociedades matriarcais africanas, foram aprendidos e incorporados ao cotidiano dos escravizados. Assim, os corpos negros e femininos aprenderam, a duras penas, a resistirem às ideias de que eram pacíficas, inferiores, eróticas, sensuais, objetivadas e maternais, porém os reproduziram como forma de sobreviverem longe das senzalas no “conforto” da casa grande.

Mesmo dentro dessas manifestações religiosas e culturais – congada – a mulher negra teve que reivindicar e lutar pelo reconhecimento do seu espaço de liderança e racionalidade. Por vezes, vindo a ser punida por não seguir a tradição e os preceitos ritualísticos. Ironicamente, alguns desses grupos foram fundados, mantidos e perpetuados pelas próprias mulheres, porém, por anos mantiveram relações de gênero demarcadas e desiguais em relação a elas. Se hoje há escritos sobre o protagonismo feminino na congada deve-se a árduas lutas de mulheres que se inspiraram em suas origens matriarcas africanas, no feminismo brasileiro e na compreensão de que são “sujeitas”, autônomas, construtoras de suas historicidades e lutas.

CORPOS NEGROS E FEMININOS NA CONGADA DE ITUIUTABA

Em Ituiutaba, um pedacinho do Triângulo Mineiro, essa história de luta não se fez tão diferente. No que outrora fora a capital do arroz, constituiu-se a Irmandade de São Benedito cuja fundação, segundo relatos orais, se deve a uma homenagem de Demétrio Silva da Costa à passagem de aniversário vitalício de sua esposa Geralda Ramos de Oliveira em 02 de abril de 1951. Ele reuniu familiares e amigos para a comemoração brincante de Moçambique e, posteriormente, resolveram dar sequência à ideia e constituir o primeiro terno de congada da cidade: Moçambique Camisa Rosa.

Após uma comentadíssima apresentação do terno na cidade de Capinópolis-MG, Anna Carolina Ribeiro reuniu o terno, familiares e amigos para negociarem junto ao pároco João Avi a realização da festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário com o intuito de arrecadar

donativos para a construção de uma capela. O pedido, porém, não foi acatado pelo padre e só no ano seguinte o terno pôde sair às ruas para festejar.

A organização e constituição da Irmandade de São Benedito só foi possível em 1956 (oficialmente em 1957) sob a tutela do Padre João Avi que acompanhou e orientou os “Doze Apóstolos”, fundadores da festa e dos ternos Moçambique Camisa Rosa e terno de Congo Camisa Verde, criado em 1954 por Geraldo Clarimundo da Costa e sua esposa Dulcinéia Luiza Cassiano.

Percebam que, mesmo presentificadas nos relatos orais sobre a criação dos ternos e a fundação da irmandade, as mulheres negras são relatadas nas atas e documentos, mas não são nomeadas em cargos pela Igreja ou pelos próprios ternos. A relação de gênero constituinte da sociedade patriarcal brasileira e santificada no fundamentalismo da Igreja se reproduz nas relações cotidianas dos corpos negros e femininos.

A festa da congada de Ituiutaba possui uma longa e árdua preparação que se inicia nos primeiros meses do ano com reuniões na igreja de São Benedito com os capitães, fundadores e fundadoras dos ternos, rainhas e reis e a presidenta da irmandade. Nas reuniões são debatidos temas diversos, pensado o funcionamento e a estrutura da festa. Paralelamente a essas reuniões, são realizados, nos quatro cantos da cidade, terços, leilões e novenas com o intuito de arrecadar fundos financeiros e mantimentos para o dia da festa e para custear a confecção dos instrumentos, vestuários e calçados dos integrantes. Durante os terços, os ternos ensaiam seus cânticos, danças, toques e planejam suas fardas. Nesses preparativos é função masculina o preparo dos instrumentos: construção e afinação e toque. Ao feminino cabe a preocupação com os alimentos, fardas, estandarte, adereços, coreografias, rezas e participação na novena e missa.

É inegável a importância desses corpos negros e femininos para a constituição e manutenção da tradição a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Impossível conviver nos espaços materiais e imateriais da festa da congada e não presenciar o toque do feminino na construção histórico-cultural que compõe a historicidade de cada um dos ternos. Os relatos que se seguem se fazem presentes nas contações orais da maioria dos integrantes masculinos e femininos dos ternos de Moçambiques, Congos, Marinheiro e Catupés, mas não encontram registros escritos além de interpretações nas sublinhas de fotografias e atas de reuniões da Igreja, dos ternos, da Irmandade, da Fundação Zumbi, do Palmeiras Clube, do Grupo de Estudos e Consciência Negra e da Escola Municipal Machado de Assis. Basta ler as entrelinhas desses documentos para constatar a presença massiva das mulheres da congada de Ituiutaba – MG.

Durante 52 anos, a mão forte a coordenar e guiar o Moçambique Camisa Rosa foi de Dona Geralda (Geralda Ramos De Oliveira) que, com sua amiga Dona Rosa (Ana Carolina Ribeiro), desde de 1951 criava e customizava as fardas do terno e fazia as orações. **Foi delas a ideia para a criação do grupo**⁴. A madrinha de bandeira Dona Arminda (Maria Ormindá da Silva), Dona Deija (Maria Djanira Domingues) e Dona Tereza (Terezinha Ferreira) foram durante anos guardiãs, ajudando nas campanhas e orações a conduzir os passos dos moçambiqueiros.

Na atualidade, a herdeira desse pulso forte é Tia Lúcia (Maria Lúcia de Oliveira) que divide a coordenadoria do terno com Maria Laila Da Silva Gomes, Maria Das Graças Silva - filhas dos fundadores responsáveis pelo estandarte, pela bandeira da irmandade e pelo café da manhã. E a tradição segue viva nas mãos das netas e bisnetas - Patrícia Da Silva Passos, Fabiana Cristina Silva Vicente, Adriana Caroline Alves Da Silva, Tacila Abadia Da Silva Passos, Laura Lucia Dos Santos Oliveira, Tânia Cristina Santos Oliveira que, além de madrinhas de bandeiras, são as novas guardiãs.

O senhor Geraldo (Geraldo Clarimundo da Costa) fundou o Terno Camisa Verde ao lado de sua esposa Dulcinéia Luiza Cassiano, **o qual hoje é coordenado pelas quatro irmãs**⁵ Divina Costa Telles (Responsável pelas finanças desde 1988), Marciana Lúcia da Costa Souza (coordenadora da cozinha e responsável também pela arrumação dos andores de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Essa ornamentação dos andores lhe foi passada pela senhora Anna Carolina Ribeiro – fundadora do Moçambique Camisa Rosa -, Maria Francisca Luiza – MARIQUITA – responsável pelas vestimentas e acessórios de todos os capitães e guardiã do terno - e Ana Lúcia Costa - responsável pela parte da equipe de liturgia, dirigiu vários projetos sociais junto a irmandade e trabalhou diretamente na criação da fundação Municipal Zumbi dos Palmares). Milta Divina da Silva que recebeu da fundadora Dulcinéia o pedido para assumir a cozinha, juntamente com sua prima Marciana e Nárcia Telles Rosa que, além de madrinha da bandeira, herdou do Senhor João Parreira da Silva a responsabilidade em coordenar a trança de fita, um dos momentos mais esperados por todo público presente na praça 13 de Maio no dia da festa. Nárcia é professora voluntária atuando como alfabetizadora, no reforço escolar durante todo ano letivo e na escolha de roupas e acessórios, em todas as campanhas do terno até o término da festa.

⁴ Grifos do autor por compreender a ênfase dado pelos sujeitos da pesquisa a essa expressão.

⁵ Idem.

A fundação do terno Congo Real esteve a cargo do Senhor João da Badia, alicerçado pela esposa e filha: Marina Eurípedes de Oliveira - Madrinha da bandeira - e Célia Aparecida de Oliveira – Capitã; cujos papéis foram muito além de seus cargos dentro do grupo, **era elas que faziam a coisa acontecer**⁶, correndo atrás de doações e tudo que precisasse para o grupo sair no dia da festa. Hoje, essa função está a cargo de Maria Abadia de Oliveira, Thalita Ferreira de Oliveira, Regiane Boaventura Chaves e Jackeline Aparecida da Silva, que são madrinhas e ajudam na organização do terno, e Maria Divina de Oliveira, responsável pela cozinha e que foi a primeira rainha do Real. Mulheres que serviram de inspiração para que Abadia, pedagoga, Jackeline, do serviço social e Thalita do agronegócio **buscassem forças para concluírem seus estudos acadêmicos**⁷.

Ao revisitar os relatos orais de Dona Senhorinha (Maria Senhora Domingues Martins) constata-se o empenho que dedicou à estruturação do Terno Moçambique Lua Branca. Mulher guerreira e forte que no auge dos seus 104 anos é a essência e inspiração para que o terno sempre renasça das cinzas e se manifeste nas ruas de Ituiutaba e região. O mesmo se pode dizer de Maria Ormindá da Silva, **guardiã da bandeira e da benção que abre e faz a vigília dos caminhos por onde os moçambiqueiros irão passar**⁸.

Nos dias atuais, são as netas dos fundadores e fundadora - Solange Francisca das Graças Guimarães e Patrícia Domingues Souza – que planejam e estabelecem uma interação entre a tradição e a atualidade, utilizando as novas tecnologias para atingir todos os componentes. Mulheres ativas e participativas estão contribuindo desde sempre e de forma significativa para gestão do grupo, incentivando a jovem Lawany Souza Silva a desenvolver sua liderança nata com suas "meninas" da Bandeira. E se pensar que o poder está nas mãos de quem gesta o dinheiro? Essa pessoa é a Cidinha (Maria Aparecida Domingues Martins), tesoureira que não mede esforços e se dedica literalmente para que todos os projetos se realizem.

Não há satisfação melhor que sentar para almoçar com Dona Rosária (Rosária Esperança de Sousa) e ouvi-la, lacrimejando, narrando as histórias, lutas e vitórias da fundação do Terno Moçambique Águia Branca. **Uma senhora que com poucos estudos fundou o terno e convidou familiares e amigas para dar a sustentação para que os caixeiros saíssem as ruas**⁹, dentre elas: Divina Esperança Domingues, Maria do Carmo Procópio que coordenam a

⁶ Idem.

⁷ Idem.

⁸ Idem.

⁹ Idem.

cozinha, Jessica Oliveira, Maria Divina Oliveira (Viviane) e Lorena Carla Nascimento Jorge Santos que são as madrinhas do grupo, todas sob a proteção e guia da rainha Maura Aparecida.

São muitas as histórias narradas que demonstram a força dessas mulheres negras no comando de seus grupos, **algumas iluminadas por forças espirituais ancestrais**¹⁰ como relata Claudia Luiza da Silva Almeida fundadora do Terno de Congo Libertação, que receberá, junto com Maria Aparecida Cândido, a missão de fundar o terno dos espíritos de Benedito e João Preto. A primeira rainha foi Lázara Luiza da Silva, cargo hoje exercido pela Luzia Cristina da Silva e Carla Luiza da Silva, tendo como madrinha Monalisa Silva e braços direitos dos trabalhos terrenos: Ana Paula da Costa Silva e Eva Lúcia Glaudino: **“mulheres guerreiras”**¹¹.

De acordo com Andreilda, o Terno Marinheiros de Santa Luzia foi uma homenagem a Luzia Batista dos Santos, padroeira dos marinheiros, cuja matriarca é Laci Aparecida de Lima e a fundadora é Aparecida Andreilda Morais de Lima. **Mulheres que nas ondas do mar conduzem os caminhos do grupo**¹² alicerçadas pelas madrinhas: Valdirene Maria Luzia e Catilene Oliveira Silva com o auxílio da princesa Monalisa Luzia Lima e das cozinheiras Cleuza Maria Lima, Angelita Rosa de Lima e Maria Regina dos Santos.

Auxiliaram na fundação e ajudam a manter a tradição do terno Catupés Capão de Ouro: Simone Maria da Costa Cândido, Maria Leamar Cândido, Nathália Silva Gonçalves, Maria Aparecida Luiza Candido Santos e Wilsa Carla da Cruz Ribeiro e que tem como matriarcas: Maria Leamar Cândido e Simone Maria da Costa Cândido, que **representam os negros e negras que caçavam ouro no Rio Tijuco e que, com o sangue desses, as avenidas de Ituiutaba surgiram**¹³.

Descrever sobre corpos negros e femininos é dar visibilidade e reconhecimento ao árduo trabalho desempenhado por mulheres negras na resistência e manutenção da tradição cultural, social e religiosa que é a Congada da Irmandade de São Benedito de Ituiutaba - MG. É valorizar suas ideias, força bruta e o jeito diferenciado - feminino - de fazer essas tarefas, de dialogar com as pessoas, de solucionar os problemas, de partilhar a refeição e o suor. É reconhecer o lugar de fala e de direito desse corpo feminino e negro que constrói as histórias dos ternos e da cidade, ensinando aos seus de forma dócil e aguerrida a nunca desistir, a resistir e lutar por uma sociedade melhor.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

¹² Idem.

¹³ Idem.

São delas os créditos pelos serviços prestados, por inspirarem outras a seguir caminhos que nem elas mesmas conseguiram galgar, mas que percebem sê-los importantes para os novos tempos históricos que outrora viram. Mulheres simples que acalantam no sorriso, no gesto, no olhar a força para trilhar novos caminhos num jeito singular de caminhar.

REFERÊNCIAS

- ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo**: O ponto de vista marxista. São Paulo: Nobel, 1986.
- ALVES, Castro. **O Navio negreiro e outros poemas**. Edição Clássicos Melhoramentos. 2013.
- CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. **Mulheres em ação**: revoluções, protagonismo e práxis dos séculos XIX e XX. Proj. História, São Paulo, (30), p. 243-264, jun. 2005.
- CORTES, Anna Maria Faustino. **Mulher negra**: sua trajetória dentro e fora do movimento negro até os tempos atuais. Juiz de Fora. 2018.
- BARBOSA, Karla Maria da Silva. **Feminismo e Emancipação Feminina**: um estudo sobre a concepção da mulher negra na Bamidelê – Organização das mulheres negras da Paraíba. 2016.
- DAMASCO, Mariana Santos. **Feminismo Negro**: Raça, identidade e saúde reprodutiva no Brasil. (1975-1996). 2009. Rio de Janeiro. 159 páginas.
- DIAS, Maria Odila. Resistir e sobreviver. In **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto: 2012.
- FISCHER, Maria Clara Bueno, ZIEBELL, Clair Ribeiro. **Mulheres e seus saberes engravidando uma outra economia**. Movimentos Sociais e Educação / n.03. UNISINOS. Porto Alegre. 2008.
- GONÇALVES, Luciane Ribeiro Dias. KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Reencontros com a Congada**: histórico da Irmandade de São Benedito e dos Ternos de Congada de Ituiutaba-MG. 2008.
- PAULA, Marise Vicente de. **Sob o Manto Azul de Nossa Senhora do Rosário**: mulheres e identidade de gênero na congada de Catalão (GO). Goiânia. 2010.
- PLATÃO. **A República**. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1997.
- REIS, Marcus Vinícius Reis. **Mulheres de seus corpos e de suas crenças**: relações de gênero, práticas mágico-religiosas e Inquisição no mundo português (1541-1595). Belo Horizonte. 2018.
- RODRIGUES, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. Companhia das Letras.
- RODRIGUES, Vera. Mulheres Negras Resistem: Protagonismo feminino, Negro e nordestino. **Revista Humanidades e Inovação** v.6, n.16 – 2019.

ROVAI, Marta Gouveia De Oliveira. Mulheres mestres: o papel feminino na organização religiosa e na visibilidade da comunidade congadeira no sul de Minas Gerais. XIII Encontro Nacional de História Oral. “História Oral, Práticas educacionais e Interdisciplinaridade” – 01^a 04 de maio de 2016. **Anais Eletrônicos**. Rio Grande do Sul. 2016.

SANTANA, Djanira Ribeiro. A função da mulher na educação infantil: mãe ou professora? IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”. Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – **Anais Eletrônicos** – ISBN 978-85-7745-551-5

SILVA, Renata Nogueira da. Projetos Culturais E Redes De Solidariedade: Traduções e transposições das práticas congadeiras. **Áltera – Revista de Antropologia**, João Pessoa, v. 2, n. 3, p. 73-96, jul. / dez. 2016

SOARES, Dalva Maria. **Salve Maria(s):** mulheres na tradição do congado em Belo Horizonte, MG. Viçosa. 2009.

TRISTAN, Jenifer. CRISTINA, Odete. **Dandara, Aqaltune e Luiza Mahin:** Mulheres negras na luta contra a escravidão no Brasil. Dossiê Dia da Mulher Negra, Latina e Caribenha. 2018.